

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT11.004

EDUCAÇÃO DE SURDOS ENTRE NARRATIVAS DOCENTES: CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS SURDOS

POLLIANA BARBOZA

Doutora em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Christian Business School. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba, Professora da Educação Básica; Supervisora Escolar, pollianabarboza@hotmail.com.

RESUMO

O campo dos Estudos Culturais conduz para o centro das discussões os grupos que estão às margens da sociedade, na busca de dar visibilidade para que possam resistir e lutar contra o que é exigido pelo cânone, além de referenciar posições de militância, questionar e problematizar os fatos. Os Estudos Surdos embasados nas contribuições dos Estudos Culturais lutam pelo reconhecimento da pessoa surda em sua cultura, identidade e língua. Nesta perspectiva, os Estudos Culturais e os Estudos Surdos batalham pela compreensão da surdez numa perspectiva socioantropológica e pela valorização desta diferença. O objetivo desta pesquisa é compreender as narrativas de professores de uma escola estadual, localizada no interior de Pernambuco sobre a educação de surdos, à luz dos Estudos Culturais e Estudos Surdos. Utilizamos como aportes teóricos Skliar (1998); Perlin (2003); Sá (2006); Hall (2011); Souza e Souza (2012); Strobel (2016); Dorziat (2019); Silva (2020). A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, segundo Chizzotti (2011), quanto aos objetivos, à pesquisa foi exploratória (Gonsalves, 2011), e quanto aos procedimentos de coleta trabalhamos com a pesquisa de campo (Severino, 2018). A técnica utilizada foi à entrevista semiestruturada, baseada em Richardson (2015), em que o instrumento foi um roteiro prévio. O campo de pesquisa foi uma escola pública estadual, localizada em Pernambuco. Os participantes da pesquisa foram 6 (seis) professores que lecionam no Ensino Fundamental – anos finais e no Ensino Médio. Os achados da pesquisa apontaram que as práticas pedagógicas

utilizadas na educação de estudantes surdos precisam de melhorias e direcionamentos, de modo a incluir os mesmos nas aulas e nas atividades, sendo primordial que professores e professoras compreendam que essas práticas precisam considerar a cultura surda.

Palavras-chave: Educação de surdos, Narrativas, Professores, Estudos Culturais, Estudos Surdos.

INTRODUÇÃO

É um grande desafio nos dias de hoje fazer pesquisa em educação no viés dos Estudos Culturais - EC e ao mesmo tempo prazeroso. O campo dos EC possibilita ao pesquisador variedades de óticas de análise, um campo metodológico amplo, maior aproximação e identificação com o objeto de estudo, além de permitir que todos os participantes tenham vez, voz e lugar.

Nesta direção, os EC têm suas origens nas movimentações de grupos sociais, que referenciados num pensamento crítico e de contestação, buscam o rompimento de concepções elitistas e cristalizadas de cultura. Atuando nesse contexto das culturas, os EC expõem tentativas de descolonização de conceitos e práticas de cultura. Assim, a cultura passa a ser entendida como “expressão das formas pelas quais as sociedades dão sentido e organizam suas experiências comuns; cultura como o material de nossas vidas cotidianas, como a base de nossas compreensões mais corriqueiras”. (Costa, 2011, p.109).

Buscando movimentar os debates e evidenciando posturas contra as ideias hegemônicas de poder, os EC “configuram espaços alternativos de atuação para fazer frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular” (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p.2). Portanto, os EC propõem desfazer os binarismos originados das raízes tradicionais através de uma posição política de oposição e movimentações que geram discussões, incertezas, conflitos e ansiedades.

Neste sentido, ao compreender a importância de professores e professoras em considerarem a cultura surda, a diferença, as identidades e a língua de sinais como pontos chave para se pensar a educação de surdos, é que se propõe o desenvolvimento desta pesquisa.

A escolha desta temática se deu com base nas experiências adquiridas com a pesquisa realizada no Mestrado e também no âmbito profissional, atuando como professora do Atendimento Educacional Especializado - AEE. As questões, no que tange a educação de surdos geraram inquietações e reflexões, na medida em que se observavam em algumas escolas, práticas pedagógicas que excluíam as pessoas surdas do processo educacional.

Alguns problemas podem ser apresentados, no que se refere à temática aqui apresentada, que estão permeados pela hegemonia da cultura ouvinte e concepção

clínica de surdez, em que os surdos são vistos apenas como pessoas que tem a falta da audição.

As escolas são pensadas para as pessoas ouvintes, ou seja, a cultura majoritária prevalece oprimindo as minorias. Deste modo, as relações de poder entre ouvintes e surdos e a violência simbólica exercida pela supremacia ouvintista ficam ainda mais fortes, quando se pensam em práticas pedagógicas que desconsideram as diferenças.

Santiago e Pereira (2015) afirmam que os professores consideram as formas como as pessoas ouvintes aprendem como um padrão a ser seguido por todos. O que acontece é que por não ter o conhecimento da cultura surda e da língua de sinais, professores e professoras tendem a ensinar esse segmento da mesma forma como se ensinam as ouvintes. Para tanto, a falta de metodologias de ensino que contemplem também as demandas educacionais dessas pessoas torna-se um grande entrave, pois se nega o direito a educação e estas podem ficar excluídas do processo educacional.

Outro fator que se pode encontrar, é a ausência de uma política linguística nas escolas que dê suporte para a aprendizagem e a propagação da Libras, para todos os que fazem parte do contexto escolar. Deste modo, nas salas regulares podem acontecer impasses, como a falta de tradutores e intérpretes de Libras, da compreensão de professores e professoras sobre a Libras e a alfabetização de crianças e jovens surdos. Pode-se pensar também que por não haver uma comunicação plena através da Libras, professores e professoras podem deixar a cargo dos intérpretes, a tarefa do ensino para esse grupo específico, deste modo passa-se a existir uma confusão de papéis (Lima, 2017).

Ao considerar a complexidade que envolve o objeto de estudo, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: Como a educação de surdos vem sendo desenvolvida no ensino fundamental – anos finais e no ensino médio, tendo por base as narrativas de professores e professoras de uma escola estadual, localizada no interior de Pernambuco?

Para dar sustento a questão de pesquisa, apresentamos o objetivo geral: compreender as narrativas de professores de uma escola estadual, localizada no interior de Pernambuco sobre a educação de surdos, à luz dos Estudos Culturais e Estudos Surdos.

Com vista a alcançar o objetivo proposto para a pesquisa e por ter abertura no campo dos Estudos Culturais, a metodologia utilizada se pauta na abordagem

qualitativa, quanto aos objetivos se apresenta como exploratória e quanto aos procedimentos de coleta, se denomina como pesquisa de campo. Os participantes da pesquisa são 6 (seis) professores de uma escola estadual localizada no interior de Pernambuco.

O presente artigo encontra-se estruturado de modo que, inicialmente abordamos as contribuições dos Estudos Surdos para a Educação de Surdos na perspectiva dos Estudos Culturais. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, os resultados e discussões, por fim as considerações finais.

AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SURDOS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

O campo dos Estudos Culturais proporciona o embasamento à ideia de que as pessoas surdas são constituídas na perspectiva cultural. Segundo Dorziat (2019, p.70) “suas bases teóricas, em consonância com os movimentos de surdos e as pesquisas acadêmicas, inauguram os Estudos Surdos”. Esses surgem nos movimentos surdos organizados, inspirados na ótica teórica dos EC, se apresentando assim como “guarda-chuva” desse campo, enfatizando “questões das culturas, das práticas discursivas, das diferenças e das lutas por poderes e saberes” (Sá, 2006, p.1). Para tanto, foi através do autor e professor Carlos Skliar, juntamente com o seu grupo de estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, que a associação entre os Estudos culturais e Estudos surdos foi fixada (Dorziat, 2019).

Os ES referenciados nas contribuições dos EC “toma como pressuposto o conceito sócio antropológico de surdez, que reconhece o sujeito surdo como alguém diferente, com identidade e cultura próprias e diferentes” (Souza; Souza, 2012 p.3).

Os EC e os ES estão focados na luta contra o entendimento de surdez como deficiência e dar espaço para uma nova concepção com base no reconhecimento da identidade e cultura surda e a valorização da pessoa surda em sua diferença.

De acordo com Skliar (1998, p.5):

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político.

Esses estudos vêm problematizar e questionar a educação de surdos com a finalidade de proporcionar a reflexão sobre a língua, as identidades, diferenças e culturas surdas, como também o pensar de novas práticas pedagógicas que ofereçam melhorias para o cotidiano das pessoas surdas em seu contexto social, educacional e de aprendizagem.

De acordo com Romário et al (2018, p.503):

Por meio de discursos produzidos pelos Estudos Surdos embasados nos Estudos Culturais, foi possível construir novos discursos sobre as pessoas surdas, sustentando que essas são diferentes culturalmente, de modo a superar a visão de deficiência – sinônimo de incapacidade de ouvir, ausência de audição –, constituída pelo discurso hegemônico ao longo da história.

Uma das questões trazidas ao centro pelos ES são as representações hegemônicas e ouvintistas sobre as identidades surdas. De acordo com Skliar (1998), o ouvintismo é a representação dos ouvintes em todo o seu conjunto da qual as pessoas surdas tendem a se apropriar, isto implica uma relação de poder desigual. Deste modo, não se valoriza a diferença dessas pessoas, pois se busca imprimir nelas o que são próprios dos ouvintes.

Para este estudo, busca-se pautar em alguns conceitos presentes no campo dos Estudos Culturais como a identidade, a língua de sinais, cultura e diferença para pensar a prática pedagógica na educação de surdos.

Na sociedade pós-moderna, a ideia de identidade não é mais concebida como única, a dinâmica desta sociedade vem provocando a fluidez e a crise das identidades. Para tanto, Hall (2011, p.7) apresenta que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Deste modo, a identidade é móvel e multifacetada.

As pessoas surdas constroem suas identidades através de vivências nas associações de surdos, com seus familiares, amigos, por meio das experiências visuais, língua de sinais, do contato com os pares. Por isso, é fundamental considerar as identidades surdas no exercício da prática pedagógica.

Uma das marcas dessas identidades é a língua de sinais que, conforme afirma Strobel (2016, p.53) “é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos”. Através da mesma, as pessoas

com essa condição afirmam suas identidades específicas, se comunicam, leem o mundo, de forma a alcançar uma comunicação plena.

É por meio da língua de sinais que a cultura dos sujeitos, ora tratados nesse texto, se configura. Segundo Perlin (2013, p.56) a cultura surda “se constitui numa atividade criadora com símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é configurada por uma forma de ação e atuação visual”. O modo como os mesmos se organizam, vivem, pensam, se comunicam e participam das mais variadas situações, é cultura, sendo esta visual-motora, diferente da ouvinte.

Silva (2015, p.35) considera pessoa surda “aquela que compreende o mundo através de experiências visuais, manifestando sua cultura por meio da língua de sinais, no Brasil, a Libras – Língua Brasileira de Sinais”. Assim, a comunicação dessas pessoas é potencializada pela visão e a língua de sinais.

Para Dorziat (2019, p.71) “surdos e surdas são pessoas que compartilham entre si, pares ou outros, suas crenças, valores e, em especial, sua língua, apresentando, portanto, uma cultura, a Cultura Surda”. Deste modo, não pensamos nas pessoas surdas como sujeitos que tem um “corpo danificado” como mostra a concepção clínico-terapêutica e sim como pessoas dotadas de cultura. Reafirmando esta ideia, Perlin (2013, p.53) apresenta que “em Estudos Culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural”.

Ao pensar na educação de surdos, é necessário considerar as peculiaridades que fazem essas pessoas únicas e, portanto, diferentes. De acordo com Dorziat, Lima e Araújo (2007, p.17) as pessoas surdas “desenvolveram ao longo de suas vidas estratégias visuais-gestuais de apreensão e de expressão de mundo, constituindo o que se passou a denominar de cultura surda”. O processo educacional precisa considerar a pessoa surda em sua inteireza, compreendendo que a visualidade e a Língua de sinais são fundamentais neste processo, é necessário nos colocarmos na perspectiva do Outro, conforme afirma Dorziat (2019, p.72):

Ao pensar sobre os Estudos Surdos à luz dos Estudos Culturais embasamos a necessidade de modificar visões sobre as pessoas surdas, colocando-as na perspectiva do Outro. Assim como os demais grupos, o de surdos também vive em um mundo contemporâneo, exposto à globalização que, a cada momento, se apresenta mais multicultural, com apreensões e expressões diferenciadas.

Os ES na perspectiva dos EC enfatizam a condição surda como diferença, esta é uma das categorias dos EC. Para tanto, a diferença é inseparável da identidade, ambas são criaturas da linguagem, construídas cultural e socialmente, marcadas pela indeterminação e instabilidade. A diferença é um produto derivado da identidade. Esta última é a referência, o ponto original relativamente ao qual se define a diferença (Silva, 2014).

No contexto educacional, é necessário se pensar no currículo para as diferenças, este de acordo com Dorziat (2010, p.127) “deve realizar reflexão rigorosa sobre os conhecimentos para além de listas de conteúdos e atividade, tornar central o desenvolvimento de outros e diferentes pensares, outras e diferentes percepções de mundo e de experiências”. Deste modo, um currículo para as diferenças é necessário, no sentido de possibilitar as pessoas surdas serem construtoras de suas aprendizagens e conhecimentos.

Segundo Dorziat (2015, p.353) “a educação de surdos deve compor um sistema que atenda ao princípio de uma educação culturalmente engajada e que desconstrua visões homogêneas e estáticas, entendendo a subjetividade da alteridade”. Portanto, lutar por esta educação é mais do que apenas trazer a Libras para o processo educacional, é pensar na importância e no sentido que esta tem na vida das pessoas surdas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Tendo a necessidade de definir o caminho metodológico para o presente estudo, apresentamos o mesmo, como sendo, de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, e quanto aos procedimentos de coleta, trata-se de uma pesquisa de campo.

De acordo com Chizzotti (2011, p.28) a pesquisa qualitativa “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Deste modo, é importante nesse processo de realização da pesquisa qualitativa, a postura do pesquisador/pesquisadora, para estarem atentos aos significados encontrados no convívio dentro do campo de pesquisa, analisando além dos fatos e das vozes, os gestos e olhares dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Essa abordagem de pesquisa é rica, pois possibilita esse contato mais próximo com o lócus e as pessoas que dele fazem parte.

A pesquisa exploratória busca a aproximação e esclarecimento dos fatores que envolvem o objeto de estudo. De acordo com Gonsalves (2011, p.67) esta se “caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno [...]”. Para tanto, a pesquisa de natureza exploratória permitirá o conhecimento e a aproximação acerca das questões que envolvem a prática pedagógica na educação de surdos, possibilitando a compreensão das situações encontradas e esclarecendo as ideias que as envolvem.

De acordo com Severino (2018) “na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador” (Severino, 2018, p.123). Esse tipo de pesquisa além de possibilitar o contato direto do pesquisador com o lócus, também propicia o contato com os sujeitos pesquisados, deste modo o pesquisador passa conhecer o campo da pesquisa, bem como os participantes da mesma.

O campo de pesquisa foi uma escola estadual, localizada no interior de Pernambuco, a qual foi escolhida por ter estudantes surdos frequentando as aulas, nos anos finais do ensino fundamental e médio. Os participantes da pesquisa foram 6 (seis) professores, assim nomeados: Odilon¹ (professor de Matemática); Orlando (professor de Biologia); Olimarcia (professora de História); Otamira (professora de Geografia); Oscar (professor de Sociologia) e Odisseia (professora de Língua Portuguesa).

A técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista, que de acordo com Richardson (2015, p.207) “é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B”. Deste modo, a entrevista possibilita uma melhor aproximação entre pesquisador e pesquisado, permitindo uma conversa sobre o objeto estudado.

A análise dos dados coletados nas entrevistas foi organizada qualitativamente, numa ótica compreensiva e interpretativa, discutidos a partir do campo dos Estudos Culturais, Estudos Surdos e da Educação. Ao realizar análises qualitativas, o pesquisador precisará exercer a capacidade de enxergar pelo outro, ou

1 Os nomes dos sujeitos apresentados são fictícios. Os dos/as professores/as se iniciam com a letra “O” para fazer menção a palavra ouvinte.

seja, colocar-se no lugar do participante da pesquisa para poder exercitar os possíveis entendimentos e assim desenvolver a interpretação. Esta, segundo Marconi e Lakatos (2017, p.35) procura dar um “significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema”. Para tanto, a interpretação realizada pela pesquisadora possibilitará o aprofundamento e o detalhamento das situações encontradas no campo de pesquisa que, por sua vez, envolvem o objeto estudado.

O processo da análise qualitativa dos dados compreendeu diferentes fases: 1. A organização dos dados coletados: consistiu na organização do material a ser analisado; 2. A categorização: realização da análise do material organizado; 3. A análise: está relacionada à realização de compreensões e interpretações por meio dos resultados significativos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentamos os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com os professores, bem como as discussões desses resultados. Na oportunidade, foram geradas duas categorias de análises: **Recursos didáticos utilizados em sala de aula com estudantes surdos e Participação discente nas aulas**. Essas serão apresentadas a seguir.

RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS EM SALA DE AULA COM ESTUDANTES SURDOS

Os recursos didáticos fazem parte do ambiente da aprendizagem em toda sua amplitude, estimula a aprendizagem do estudante, focando o despertar do interesse, de modo a favorecer o desenvolvimento de suas capacidades de percepção e observação, aproximando-o da realidade. Esses recursos possibilitam o acesso às informações e dados, que dão suporte à visualização dos conteúdos abordados, permitindo a aprendizagem. Quando são bem utilizados, aplicados e direcionados aos diferentes estudantes contribui de forma efetiva para o sucesso do aprendizado.

Segundo Castoldi e Polinarski (2009, p. 685), “[...] com a utilização de recursos didático-pedagógicos, pensa-se em preencher as lacunas que o ensino tradicional geralmente deixa, e com isso, além de expor o conteúdo de uma forma diferenciada,

fazer dos alunos participantes do processo de aprendizagem”. Tais recursos fortalecem o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes por possibilitar caminhos, que conduzem a motivação e envolvimento com o conteúdo que está sendo trabalhado, propiciando uma melhor compreensão e interpretação do que está sendo abordado.

Pensando na importância dos recursos didáticos, como forma de subsidiar o processo de aprendizagem dos estudantes surdos, apresenta-se no quadro 1 as narrativas dos professores.

Quadro 1 – Entrevista com professores

Recursos didáticos utilizados em sala de aula com estudantes surdos	
Professores	Narrativas
Odilon	Eu utilizo o ábaco, material dourado, banners com dados sobre os conteúdos, ferramentas digitais disponíveis na internet. O ábaco e o material dourado é bem semelhante a apresentação tradicional, mas trago sinais utilizados na Libras para ficar mais íntimo. Já as ferramentas digitais, no momento da busca, procuro por características mais visuais e intuitivas, para assim adaptá-las em alguns momentos. Os Banners já ficam na sala expostos, estão disponíveis na escola, em todas as salas. Neles estão contidas muitas informações sobre o básico de Libras. Alguns dependem das disciplinas.
Orlando	Os recursos são para a turma. O recurso que é dedicado aos surdos é o humano, no caso do TILS. Então, de modo geral, uso projeção de slides, computadores com acesso a internet, lousa, etc. No momento atual, o <i>google meet</i> com um TILS dedicado ao aluno.
Olimarcia	Eu utilizo livro, vídeo com legenda e práticas com tradução do intérprete.
Otamira	Eu utilizo os mesmos recursos com todos os alunos. Apresentação de mapas, gráficos e esboços desenhados no quadro, desenhos, pinturas e livros didáticos, textos e <i>data show</i> .
Oscar	Eu utilizo slides, projetor, recursos audiovisuais com legendas, lousa, livros, etc. Eu utilizo esses recursos de forma direcionada e gradual para o aluno surdo e para a intérprete/tradutor. Não com o objetivo apenas de repassar o conteúdo, mas, de incluir o aluno nas aulas e fazer com que ele consiga aprender, de forma dinâmica e prazerosa.
Odisseia	Eu utilizo nas minhas aulas as apresentações em <i>power point</i> , de forma criativa e dinâmica.

Fonte: Entrevista 2021.

As narrativas dos professores apresentadas no quadro acima se referem à utilização de vários recursos didáticos. Nesta direção, Odilon (professor de matemática) utiliza em suas aulas o ábaco, material dourado, banners com dados sobre os conteúdos e ferramentas digitais disponíveis na internet. Ele ainda relata que o

uso do ábaco e o material dourado é bem semelhante à apresentação tradicional, mas que traz sinais utilizados na Libras. Já no momento da busca por ferramentas digitais, ele procura por características mais visuais e intuitivas, para poder adaptá-las. Os banners ficam na sala expostos, disponíveis na escola e em todas as salas. Neles contém muitas informações básicas sobre a Libras. Estes achados corroboram o que diz Kelman (2011): além de se utilizar a linguagem oral e a língua de sinais no processo ensino-aprendizagem, o uso de vários recursos visuais pode contribuir de forma significativa para a aprendizagem de estudantes surdos, sendo importante ressaltar que existe a necessidade desses recursos estarem introduzidos nas estratégias pedagógicas direcionadas aos estudantes.

O professor Orlando (Biologia) narra que os recursos didáticos são os mesmos para toda a turma. O recurso que é dedicado ao estudante surdo é o humano, o tradutor e intérprete de língua de sinais. Ele afirma utilizar projeção de slides, computadores com acesso a internet, lousa, etc. No momento atual, ele utiliza o *googlee meet* com um intérprete de Libras dedicado ao estudante. Neste sentido, é importante a reflexão sobre o tempo atual, em que as ferramentas tecnológicas como os computadores, *tablets*, celulares e os aplicativos como o *google meet*, *google classroom* e outros aplicativos de reuniões e interações são utilizados. Para tanto, "as novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógico". (Mercado, 2002, p.13). Essas tecnologias que temos ao nosso dispor vão se moldando de acordo com o surgimento das necessidades de utilização.

A professora Olimarcia (História) utiliza o livro didático, vídeo com legenda e práticas com tradução do intérprete de Libras. É possível perceber que esta narrativa de Olimarcia aponta para recursos visuais, deste modo é importante:

Explorar bastante o visual nas aulas e utilizar: maquetes, frutas, aulas práticas ao planetário, no ambiente da própria escola na educação ambiental, vídeos, se possível em libras e com legendas. Planejar as aulas é indispensável para o melhor entendimento de todos, respeitando a heterogeneidade existente no ambiente de sala de aula. (Silva; Moreira, 2016, p.11).

Ao utilizar os livros didáticos, vídeos e slides é importante que o professor esteja atento para as imagens contidas, observando os contextos para poder apresentá-las e explorá-las.

A narrativa da professora Otamira (Geografia) apresenta que ela utiliza os mesmos recursos com toda a turma como a apresentação de mapas, gráficos e esboços desenhados no quadro, pinturas, livros didáticos, textos e *data show*. Embora esses recursos mencionados por Otamira sejam visuais é preciso se atentar para o fato de que:

[...] a inclusão do aluno surdo não deve ser norteadada pela igualdade em relação ao aluno ouvinte e sim por suas diferenças sócio-histórico-cultural, às quais o ensino se sustente em fundamentos linguísticos, pedagógicos, políticos, históricos, implícitos nas novas definições e representações sobre a surdez [...]. Portanto, que se tenha um currículo em LIBRAS e uma pedagogia centrada no ensino da escrita, no caso do aluno brasileiro, o português. (Silva, 2001, p. 20).

Para tanto, não é possível ensinar os diferentes através dos mesmos recursos, de forma integral, é preciso se pensar no direcionamento mais específico para as particularidades dos grupos de estudantes. Focando nos estudantes surdos não é possível incluí-los nas aulas, tendo como base a igualdade com os estudantes ouvintes, mas sim ancorados por suas diferenças sócio-histórico-cultural.

O professor Oscar (Sociologia), por sua vez, relata que utiliza slides, projetor, recursos audiovisuais com legendas, lousa, livros, etc. Ele relata ainda que utiliza esses recursos de forma direcionada e gradual para o estudante surdo e para o intérprete de Libras, com o objetivo de incluir o estudante nas aulas e fazer com que alcance a aprendizagem de forma dinâmica e prazerosa. Essa ação do professor Oscar aponta para o conhecimento que ele tem sobre o direcionamento dos recursos didáticos para os estudantes surdos, deste modo:

Mais que conhecimentos gerais, o professor necessita ter conhecimentos básicos para identificar as necessidades educacionais do aluno, para adaptar estratégias e recursos de ensino que facilitem o seu aprendizado, assim como formas alternativas de avaliação de aprendizagem que permitam identificar o seu verdadeiro nível de desempenho. Com isso, o professor pode favorecer o processo ensino-aprendizagem de todos os alunos (Souza; Rodrigues, 2007, p.44).

É de fundamental importância que o professor se aproprie do conhecimento acerca da diferença surda para que possa identificar as necessidades de seus estudantes surdos, adaptar as atividades, estratégias, metodologias e pensar em recursos que subsidiem as aprendizagens desses estudantes.

A professora Odisseia (Língua Portuguesa) afirma que, utiliza em suas aulas as apresentações dos conteúdos através do programa *Power point*, de modo dinâmico e criativo. Tendo em vista este achado, é possível se fazer uma conexão com o que destaca Ansay (2009, p.114): é um desafio para o estudante surdo estar na instituição de ensino por conta das dificuldades encontradas como “a falta ou o uso inadequado do material didático pedagógico para este alunado, como por exemplo, filmes legendados, aulas sem material de apoio visual e o uso do *Power point* na sala escura”. Ao utilizar o programa *Power point* com estudantes surdos, é necessário que o professor observe as condições de visualização, a clareza, nitidez, contexto e tamanhos das imagens e letras.

PARTICIPAÇÃO DISCENTE NAS AULAS

Os Estudos Surdos compreendem as pessoas surdas em sua cultura, identidade, língua, como conhecedores de seus direitos, ativos e participativos. Portanto, para que elas consigam ser protagonistas de suas aprendizagens, se faz necessário que a sala de aula seja um ambiente de trocas culturais. Deste modo, “os Estudos Surdos, na perspectiva dos Estudos Culturais, apresentam que o processo educacional de pessoas surdas está atento às peculiaridades do mundo surdo, fazendo com que a educação se faça presente na vida dessas pessoas” (Silva, 2018, p. 101). Para que os estudantes surdos possam participar do processo educacional, professores e professoras precisam ser sensíveis as particularidades deste grupo.

De acordo com Bordenave (2002, p.16), “a participação precisa ser entendida enquanto competência a ser aprendida e aperfeiçoada por meio das práticas e reflexões. O ambiente propício para que essa participação aconteça é a escola”. Neste contexto, a participação requer das pessoas envolvidas atuação e ação no processo de aprendizagem. Neste ato de promoção da participação, é necessário que o respeito às diferenças seja praticado.

Segundo Silva (2018, p.62) “a participação dos estudantes surdos nas aulas e nas atividades propostas pode contribuir para um processo educacional mais eficaz”. Essa participação dos estudantes surdos, de forma plena nas aulas e atividades, deve ser buscada incessantemente pelo corpo docente. Pensando na relevância da participação discente nas aulas apresentam-se no quadro 2 as narrativas docentes.

Quadro 2 – Entrevista com professores

Participação discente nas aulas	
Professores	Narrativas
Odilon	Eles participam, sim. Através dessa participação os alunos surdos lidam com os questionamentos, se expressam, demonstram dificuldades, compreensões e receios.
Orlando	Eu percebo que não é a surdez que impossibilita o estudante surdo de participar da aula. Tem aluno que gosta e ou quer, tem aluno que não gosta e ou não quer.
Olimarcia	Os alunos participam das aulas, mas isso depende da personalidade do aluno e do nível de familiaridade com as línguas.
Otamira	Considero que os alunos surdos participam das aulas, sim. Não identifiquei grandes dificuldades de aprendizagens em alunos surdos que não se igualassem, em muitos casos, as dificuldades dos alunos ouvintes.
Oscar	<p>Sim, principalmente através da atuação do intérprete/ tradutor, que o auxilia de perto e direciona suas dúvidas para o professor. Porém, caso não exista a atuação desse profissional (intérprete/ tradutor) a dinâmica da sala de aula e o processo ensino e aprendizagem se torna um pouco mais difícil para esses alunos.</p> <p>Os alunos surdos são bem ativos, e perguntam bastante, principalmente expondo suas dúvidas ao profissional que os auxiliam e assim direcionam a mim, e eu consigo explicar e esclarecer suas dúvidas com auxílio do profissional da Libras.</p>
Odisseia	Os alunos surdos participam das aulas, sim. Eles participam fazendo as atividades e através de sinais.

Fonte: Entrevista 2021.

O professor Odilon (Matemática) relata que seus alunos surdos participam das aulas. Por meio dessa participação, os estudantes se expressam, desenvolvem questionamentos, apresentam suas compreensões, receios e dificuldades. De acordo com Luckesi (2003, p.114) “o educando é aquele que, participando do processo, aprende e se desenvolve, formando-se tanto como sujeito ativo de sua história pessoal, como da história humana”. Portanto, essa participação mencionada por Odilon, em que os estudantes surdos se expressam, questionam, apresentam suas inquietações, compreensões e dificuldades contribuem para que sejam pessoas ativas de sua história.

O professor Orlando (Biologia) narra que, não é a surdez que permite ao estudante surdo não participar da aula, enfatizando que independente dessa condição, há estudantes que gostam de participar das aulas e tem outros que não gostam. Esse desinteresse pode ocorrer pelo fato da escola não ter um currículo que contemple os interesses dos estudantes surdos, pode existir aí um currículo ainda

tensionado em que privilegia a maioria ouvinte. Nesta direção, Romário (2020, p.38) apresenta que:

O currículo escolar tem tentado produzir identidades a partir de bases únicas, homogêneas. No caso das pessoas surdas, o currículo implementa uma educação a partir da norma ouvinte, apesar de propalar um discurso inclusivo, com suposta admiração e contemplação da língua de sinais, conquanto ele possa ser tensionado.

Para tanto, o currículo da escola pode vir produzindo as identidades ancoradas na homogeneidade, mesmo anunciando discursos inclusivos este pode estar tensionado, contemplando os grupos majoritários, essa maioria é ouvinte. É preciso pensar que a surdez não impede a participação dos estudantes surdos nas diversas atividades escolares, o que impossibilita são as práticas existentes no seio escolar e o próprio currículo, que pode não estar direcionado também para este grupo.

A professora Olimarcia (História) narra que os estudantes surdos participam das aulas e que essa participação depende da personalidade do estudante e do nível de envolvimento com a língua. O envolvimento do estudante surdo com a Libras é fator relevante para sua participação no processo de ensino e aprendizagem e para a construção de conhecimento. Deste modo, Silva e Silva (2016, p.34) apontam que “a Língua de Sinais é a língua dos surdos, sendo fundamental para o seu desenvolvimento em todas as esferas (sociolinguística, educacional, cultural, entre outras)”. Para que a participação dos estudantes surdos nas aulas seja mais envolvente é necessário que professores e professoras também sejam conhecedores da Libras, do mundo surdo e que também se tenha o apoio do intérprete.

Otamira (professora de Geografia) relata que seus estudantes surdos participam das aulas e que não identifica grandes dificuldades de aprendizagens nos mesmos, que não sejam iguais as dos estudantes ouvintes. Esse resultado nos permite pensar no que diz Skliar (2003, p.29): “sem o outro não seríamos nada [...] porque a mesmidade não seria mais do que um egoísmo apenas travestido [...], só ficaria a vacuidade e a opacidade de nós mesmos [...]”. Para tanto, a narrativa da professora revela que ela ainda avalia as dificuldades de aprendizagens enfrentadas por surdos e ouvintes da mesma forma. É interessante que esse levantamento das dificuldades dos estudantes, seja feito de forma que, se tenha como ponto de partida as diferenças.

O professor Oscar, por sua vez, relata que seus estudantes surdos participam das aulas, sendo ativos, gostam de perguntar, tirar dúvidas e o intérprete auxilia nesse processo. Essa participação dos estudantes surdos nas aulas acontece principalmente por meio da atuação do intérprete de Libras, que auxilia e direciona as dúvidas desses estudantes para o professor. Ele relata ainda que a ausência do intérprete de Libras torna a dinâmica de sala aula e o processo de ensino-aprendizagem difícil para o estudante surdo. Este achado corrobora o que diz Lacerda (2015, p. 278): a falta dos intérpretes de Libras faz com que “a interação entre surdos e ouvintes fique muito prejudicada. Os surdos ficam limitados a participar apenas parcialmente de várias atividades (pelo não acesso à língua oral), desmotivados pela falta de acesso ou total exclusão das informações”.

Odisseia (professora de Língua Portuguesa) narra que seus alunos surdos participam das aulas através das atividades e também de sinais. Esta narrativa nos faz pensar no sentido da participação, esta é:

O caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a autoexpressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros. (Bordenave, 2002, p.16).

Pensando no conceito de participação de forma mais aprofundada, pode-se perceber a sua relevância na vida das pessoas, é através dela que podemos interagir, expressar nossas opiniões, desenvolver reflexões, construir nossas identidades e a valorização enquanto pessoas. Neste contexto, a participação das pessoas surdas na sociedade, na escola e nos vários estabelecimentos se traduz na prática de direitos. Especificamente, na escola e na sala de aula, os estudantes surdos ao participarem das aulas e das atividades em sala e extrassala estarão desenvolvendo a prática de direitos, suas identidades, cultura e propagando a língua de sinais, o que conduz a construção do conhecimento e o protagonismo no processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos possibilitou compreender as narrativas de professores de uma escola estadual, localizada no interior de Pernambuco sobre a educação de surdos, à luz dos Estudos Culturais e Estudos Surdos. No que tange a utilização de recursos didáticos em sala de aula com estudantes surdos, vimos que a maioria dos professores utilizou recursos variados em suas aulas, estes são visuais, legendados, através de programas e aplicativos, além de terem mencionado a atuação do intérprete de Libras.

Fazendo referência a participação discente nas aulas, verificamos que os estudantes surdos participaram das aulas dos professores, algumas vezes, por meio de padrões e estratégias hegemônicas, que não contemplaram a cultura surda, e outras vezes participaram se expressando, argumentando, tirando dúvidas por meio do intérprete de Libras.

Neste contexto, esperamos que esse estudo possa contribuir para o pensar da Educação de Surdos nas escolas, principalmente no que se refere a cultura surda, a utilização da Libras, aos recursos didáticos, a participação discente, a inclusão, empatia, importância da formação do professor e a atuação do intérprete de Libras.

Por fim, se fazem necessárias mais pesquisas que, venham aprofundar as questões da educação de surdos, tendo os Estudos Culturais e os Estudos Surdos como aportes teórico-metodológicos, na busca de problematizar e compreender os processos que estão no entorno dessa educação.

REFERÊNCIAS

ANSAY, N. N. **A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior.** 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2009.

BORDENAVE, J.D. **O que é participação.** São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros passos, 95).

CASTOLDI, R. POLINARSKI, C.A. A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem. In: I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia.

Anais...UFFPR, Paraná, 2009. Disponível em: <https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/recursos-didatico-pedag%C3%B3gicos.pdf>
Acesso em: 04 out. 2023.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COSTA, M.V. Estudos Culturais e educação – um panorama. In: SILVEIRA, R. M. H. (Org). **Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação**. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2011. p. 107-120.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de educação**, n. 23, p. 36-61, maio-ago, 2003.

DORZIAT, A.; LIMA, N. M.; ARAÚJO, J. R. de. A inclusão de surdos na perspectiva dos estudos culturais. **Revista espaço**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 16-27, jul-dez, 2007.

DORZIAT, A. Políticas e práticas pedagógicas inclusivas na perspectiva do currículo para as diferenças. In: PEREIRA, M. Z. Costa. et al. (Org.). **Diferença nas políticas de currículo**. João Pessoa: UFPB, 2010. p. 117-129.

DORZIAT, A. Educação em tempos de inclusão. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 52, p. 351-364, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periódicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/118>. Acesso em: 07 out.2023.

DORZIAT, A. **Memórias em contexto: um exercício autopoietico**. Curitiba: CRV, 2019.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. Campinas: Alinea, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KELMAN, C. A. Significação e aprendizagem do aluno surdo. In: MARTINEZ, A. M.; TACCA, M. C. V. R. (Org.). **Possibilidades de aprendizagem:** ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas: Alínea, 2011. p. 175-207.

LACERDA, C.B.F. O intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS). In: LODI, A. C. B. DORZIAT, A; FERNANDES, E. (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 247-277.

LIMA, N. M. F. de. Inclusão escolar de surdos: o dito e o feito. In: DORZIAT, A. (Org.). **Estudos Surdos:** diferentes olhares. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 141-170.

LUCKESI, C.C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MERCADO, L. L. P. Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática. In: _____ (Org.). **Formação docente e novas tecnologias.** Maceió: Edufal, 2002.

PERLIN, G. **O ser e o estar sendo surdos:** alteridade, diferença e identidade. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2003.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p.51-73.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ROMÁRIO, L. et al. Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil sob a ótica de participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem 2017). **Revista brasileira Estudos Pedagógicos,** Brasília, v.99, n.253, p.501-519, set./dez. 2018.

SÁ, N. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção pedagogia e educação).

SANTIAGO, S. A.S.; PEREIRA, D. A especificidade do trabalho pedagógico com alunos surdos. In: SANTIAGO, S. A. S. (Org). **Problematizando a inclusão do estudante Surdo**: da educação infantil ao ensino superior. João Pessoa: CCTA, 2015. p. 47-63.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 24^a ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SKLIAR, C. **A educação para surdos entre a pedagogia especial e as políticas para as diferenças**: desafios e possibilidades na educação bilíngue para surdos. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1998.

SKLIAR, C. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SILVA, M. P. M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus, 2001.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15^a ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.73-102.

SILVA, P. B. **A inclusão do estudante surdo no ensino superior**: das percepções de estudantes surdos e seus professores às práticas de sala de aula. Estudo de caso. 2015. 275 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Instituto de Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa-PT, 2015.

SILVA, C. M.; SILVA, D. N. H. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? **Revista psicologia escolar e educacional**, São Paulo, v.20, n.1, p.33-43, jan-abr, 2016.

SILVA, V. J; MOREIRA, I. M. B. As barreiras da comunicação no ensino de alunos surdos: um estudo de caso. In: III Congresso Nacional de Educação. **Anais...** Editora Realize, Natal, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/>

anais/conedu/2016/TRABALHO_ EV056_MD1_SA7_ID3871_26052016100846.pdf.
Acesso em: 10 out.2023.

SILVA, L.R. **O trabalho pedagógico surdo na escola regular.** 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2020.

SOUZA, A. M. RODRIGUES, F. L. V. **Educação inclusiva.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SOUZA, V. A.; SOUZA, V. A. As contribuições dos estudos culturais nos estudos surdos e as implicações para se repensar a educação das pessoas surdas. In: V Seminário Nacional de Educação Especial/IV Encontro de Pesquisadores em Educação Especial e Inclusão Escolar. **Anais...** UFU, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced>. Acesso em: 12 out. 2023.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.